

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

DIRIGIDA POR JOSE DA SILVA VIEIRA

E COLLABORADA POR TODOS OS FOLK-LORISTAS PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS

N.º 9 VOL. III

ESPOZENDE, 25

DE JANEIRO DE 1938



MATAR O BICHO

É costume nas aldeias beber em jejum uns golos de aguardente, o que em linguagem vulgar se denomina *matar o bicho*. Qual a explicação d'esta phrase? Parece ser a seguinte:

A sensação da fome (jejum) foi a principio considerada como a mordedura de um bicho, do mesmo modo que um certo numero de doenças se atribuem ainda hoje entre o povo a bichos que passaram pelo corpo (ex. pustulas de ectyina, etc.) ou mesmo penetraram n'elle; d'aqui, por uma confusão de sentido, a palavra *admorsus* (de *admordes*), que deu em portuguez *almoço*, em castelhano *almuerzo*, em gallego *almorzo* (tambem em gallego ha *admorsar*), etc. Ha outras expressões que soffreram uma alteração de sentido analoga em ant. alto-allemao e latim, como se póde ver em Adolpho Coelho, *Questões da ling. portug.*, pag. 133. Assim, a palavra que representava a fome (*admorsus*, mordedura) veiu por fim a representar a satisfação d'elleja. A phrase *matar o bicho*, i. é, *evitar a mordedura*, representa portanto, quanto á significação, uma forma divergente da palavra *almoço*, embora um pouco restricta, pois se limita á ingestão de um liquido.

J. Leite de Vasconellos.



CANTIGAS POPULARES

de

SINFÃES

O roza, anda comigo,
Deixa ficá-la rozeira:
Ista-noute (1) háde chover,
Roza molhada num cheira.

Vou-m'ímora dos meus amos,
Num lhe devo nem um dia;
Antes me deve'elles a mim
As noites qu'eu num dormia.

De Lisboa me mandáro'
Um guisado com seu mólho:
Um coração d'ũa pulga
E a moela de um piolho.

O cravo, depois de sêcco,
Foi-se queixar ó jardim:
O jardim lhe respondeu:
—Tuido e'o tempo tem fim.

Eu hei-de cortá-lo acintro, (2)
Hei-de pô-lo a seccar
Pará ver quem me deixou
Se me torta a prócurar.

(1) A phrase *esta noute* é considerada como uma palavra só; por isso o e inicial foi aqui tractado como n'outros pontos da Beira, quero dizer, mudou-se em *i*, e por isso se diz *ista noute*. A's vezes porém nas syllabas inicial *es* —, o e e ao o que se dá geralmente no Minho, onde é corrente *strêlla*, *sprito*, etc.

(2) Talvez seja por *absinthio* (*Artemisia absinthium*, L.) e haja aqui allusão a uma supstição analogá a do §235 — a das minhas *Trad. pop. de Portugal*.

Lindos olhos tem-na cobra,
Cando olha de repente,
Ninguem se fi' nas mulheres,
Canto mais juro' mais mente'. (3)

S'ellas tem fallinhas doces,
Coração de rozalgar,
Ninguem se fi' nas mulheres,
Nellas num ha que fiar.

Não te prantes (4) a chorar,
Lagrimas ó pé de mim,
Se sabias q'eu q'era mulher,
Num te fiáras em mim.

Caçador que vae á caça,
Num é por caçar o coelho,
E' por caçar a menina
Do colletinho vurmelho.

Caçador que vae á caça,
Num é por caçá-la lebre,
E' por caçá-la menina
Do colletinho alegre.

Trazeis vurmelho ó peito,
Signal é de casamento;
Deitae o vurmelho fóra,
Qu'o cazar inda tem tempo.

Atirei ãa azeitona
A' jinella d'um mórgado;
Já lá vem-na mórgadinha,
Ai de mim que stou culpado! (5)

(3) Neste e nas duas seguintes a palavra *mulher* é substituída por *homem*, se as cantigas são cantadas por mulheres.

(4) Prantar é vulgar na Beira por *pór*. De *plantare*.

(5) O *fidulgo* e o *mórgado* erão para o povo o symbolo da grandeza. Uma cantiga assonantada, tambem de Sinfães, diz:

Atirei e'ua azeitona
A' menina da jinella;
A azeitona cahiu dentro,
A menina... quem na dera!

Vou a dà-la spedida,
Por hojê num canto mais;
Já me doe o céu da boca,
A mai-los dentes queixaes.

Essas quatorze quadras fazem parte de uma collecção de tradições populares que o meu intelligente amigo Augustó Pinto Brochado, estudante da Universidade, fallecido ha pouco na flor dos annos, me enviou em tempo. Ellas revelão alguns dos phenomenos da pronuncia popular de Sinfaes, com quanto não estejam transcriptas, ainda assim, com todo o rigor phonetico; fica, por exemplo, sem indicação a pronuncia de *en (em)* que nesta região é *ên (im)* a tender para *ái*, anologicamente ao que se passa em Baião.

J. Leite de Vasconcellos.



Rimas populares, colligidas no concelho d'Giras

(2.º appendice á collecção publicada no Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, serie 5.ª, n.º 12)

1

—Em vista d'isto e dos autos...
Quem não come escusa de prato.

As janeiras num se canto'
Nem ós reis, nem os fidalgos:
Canto-se as estes senhores,
Por ser anno melhorano (melhor anno).

2

—Seja louvado Nosso Senhor Jesus-Christo,
—Para comer é que se fez isto.

3

São jogos de *sall'in vão*,
Hoje sim, amanhã não.

4

—Com nada...
—E' uma casa cheia.

5

—P'ra mais *flevil amare*...
—Chorou o Senhor Santo Amaro.

—*Et incarnatus est*...
Vinha vestido de encarnado.

6

Porra e ovos...
Que é o manjar de put...

7

São amigos...
Matam porco
E dão moreella.

8

Toma, que te manda o tio,
Duas gaitas e um assobio.

9

—Outra...
—Senhora mulata.

10

Barriga torrada,
Se não vás á feira
Não ganhas nada.

11

Quem dá lenha ou um pau
P'ra fogueira de S. Nicolau?

Quem dá lenha ou chança
Ou a fraida da canisa?

12

O cão da minha comadre,
Pôz-se na minha cadella,
Puz-me na minha comadre
Ficou *ella* por *ella*

O era não era

O era não era

Andava lavrando
 Na sua sourella,
 Chegou-lhe a notícia
 Que era o pae morto
 E a mãe per nascer:
 Vejam lá como isto
 Podia ser.
 Pendurou os bois,
 Atou a agulhada à cinta
 E ficou a andar.
 Lá no meio do caminho
 Encontrou dois enxames,
 Contou as abelhas,
 Que os cortigos não os podia contar,
 Espremeu-lhes o mel;
 A mais pequena
 Botou cantaro e meio
 E a maior
 Botou meio cantaro.
 Não tinha donde botar o mel,
 Catou dois piolhos;
 Tirou-lhes a pelle.
 Não soube com que apertar os odres,
 Tirou dois cabellos,
 Não tinha quem lhe levasse os odres,
 Agarrou duas carrigas
 E pôz-l'os às costas.
 As carrigas metteram por um silvado
 Atrou-lhe com um machado
 Ardeu o ferro e ficou o rabo.

(Continúa)

A. Thomaz Pires.



A POESIA POPULAR

ROS
 CAMPOS

(Continuado do n.º 8)

ELLE

Tu tens a parreira á porta,
 Não a sabes lagartar,

Tens defronte os amores,
 Não os sabes namorar?

ELLA

Não os posso namorar,
 Tenho vigias defronte;
 eu ando mais espreitada
 Que o coelho anda no monte!

Hoje que è moda torturar o senso comum em nome não sabemos de que abstrusas teorias vindas da Alemanha, o ouvido alegra-se e o coração rejuvenesce com os cantares singelos do povo, com as suas poeticas imagens, sempre copiadas da grande mestra:—a natureza. Mesmo quando o sentido de uma copla não parece bastante clara, indagueem, e acharão que é facil o commentario. Por exemplo:

Muito brilha o branco-branco
 Ao pé do branco lavado;
 Muito brilha uma menina
 Ao pé do seu namorado.

Pois não vêem que o branco se refere á tez da Laura do nosso Petrafca, e o branco lavado ás suas singelas galas domingueiras?

Se os filologos não largam ha tantos seculos de mão o seu Homero, senão ha um verso de Dante que não tenha sido explicado, nem uma oitava dos Luziadas em que a critica não tenha remexido, que menores direitos tem o povo a ser interpretado nos seus poeticos desabafo?

O sol prometen á lua
 Uma fita de mil cores;
 Quando o sol promete á lua,
 Que fará quem tem amores?

(Continúa)

L. A. Palmeirim.